

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EM TEODORO DE ALMEIDA (1722-1804)

Marta de Mendonça

Universidade Nova de Lisboa FCSH - CHAM

Centro de Humanidades

E-mail: mmendonca@fcsb.unl.pt

Resumo: Teodoro de Almeida é um dos maiores pedagogos portugueses do século XVIII. A sua atividade de professor e de divulgador tanto do pensamento moderno quanto dos novos métodos de ensino e de aprendizagem estende-se por toda a segunda metade do século. O oratoriano lança um olhar muito crítico à universidade portuguesa: ao que nela se ensina e ao modo como se ensina, à sua perda de protagonismo e à sua incapacidade de se ajustar aos novos tempos e de se pôr ao serviço do desenvolvimento do país. Para alterar este estado de coisas considera necessário mobilizar esforços para transferir as competências tradicionalmente atribuídas às universidades para outros fóruns e prestar uma muito maior atenção à dimensão metodológica do processo de ensino e de aprendizagem. Teodoro de Almeida propõe um conjunto de recomendações tiradas da sua própria experiência como professor, recomendações que, se forem seguidas, devolverão a todo o processo o carácter 'recreativo' e interessante que nunca deveria ter perdido. O texto aborda as duas dimensões da reflexão do oratoriano – o aspeto de crítica ao saber instituído e as principais recomendações que se dirigem a alterar este estado de coisas. Estas recomendações vão desde a identificação de obstáculos e de estímulos que interferem no processo de aprendizagem, até à determinação da ordem por que devem ser ensinadas as diversas matérias.

Palavras-chave: filosofia da educação, século XVIII, Teodoro de Almeida, universidade.

1. Considerações iniciais

A obra de Teodoro de Almeida é muito ampla e a sua influência na cultura portuguesa de setecentos já foi muitas vezes destacada. Algumas das suas obras tiveram enorme difusão tanto em Portugal e Espanha como no horizonte mais vasto na cultura latino-americana. O oratoriano viu amplamente reconhecido o seu prestígio e a sua influência; um indício deste reconhecimento pode ver-se no facto de ter sido eleito primeiro Orador da Academia das Ciências de Lisboa.

Consensualmente reconhecido como um pedagogo e um divulgador, mais do que como um pensador original ou um produtor de ciência, Teodoro de Almeida alude com frequência à intenção divulgadora e pedagógica que orientou o seu trabalho. Percorrendo as suas obras, encontramos um específico modo de pensar o lugar que deve ser atribuído ao saber, tanto na vida individual quanto nos novos planos de desenvolvimento e modernização do país, e uma reflexão lúcida sobre o método a seguir para promover o acesso ao conhecimento por parte do maior número, aí se incluindo os cuidados que o professor deve ter para que a aprendizagem seja frutuosa e atrativa, ou as dificuldades que tem de enfrentar e os vícios que deve combater.

A par desta reflexão, há um conjunto de teses, não explicitadas com a mesma assertividade, mas nem por isso menos evidentes, acerca da dimensão

institucional do conhecimento. Com efeito, as obras de Teodoro de Almeida veiculam uma crítica dura à incapacidade da universidade para cumprir o seu papel de instituição promotora e transmissora do conhecimento. Esta crítica atinge também o modo como a política de ensino dominante em Portugal e os métodos de ensino adotados tendem a restringir o âmbito dos destinatários do saber institucionalizado, apresentando-o como um saber de elites, que parece considerar natural a ignorância da maioria, em vez de aspirar a eliminá-la.

A reflexão de Teodoro de Almeida é abrangente: não se restringe a um âmbito do saber ou a um nível de instrução. O oratoriano escreve para públicos muito diferenciados: tanto para a elite culta portuguesa, quando se dirige à Academia das Ciências, como para as meninas do pensionato das Religiosas da Visitação de Santa Maria de Lisboa, para cuja instrução escreveu um *Método para a Geografia*; tanto em latim para estudantes universitários que querem aprender física (*Physicarum Institutionum Libri X*), como “para pessoas curiosas que nunca frequentaram as aulas” (cf. título da *Recreação Filosófica*). E a instrução que propõe, ou sobre a qual reflete, não abarca exclusivamente o saber teórico – filosófico ou científico – mas estende-se também ao saber prático, aí se incluindo a estética (sobre a qual tece algumas considerações a propósito da elaboração do *Feliz Independente*) e a moral (de que se ocupa não só no *Feliz Independente*, mas também em dois opúsculos que levam por título *Vida alegre do filósofo cristão* e *Morte alegre do filósofo cristão*, e ainda no último volume da *Recreação Filosófica*).

Cada uma destas obras – sobretudo as de maior dimensão – mereceria uma análise detida que fizesse justiça à reflexão atenta que guiou e acompanhou o empreendimento divulgador de Teodoro de Almeida durante mais de 50 anos. Para o oratoriano, a reflexão sobre o melhor modo de divulgar e partilhar o saber revela-se quase tão importante como o saber que é divulgado, até porque ou promove ou condiciona a aquisição deste. O conteúdo dessa reflexão é habitualmente apresentado nas páginas iniciais de cada texto, nos prefácios ou nas dedicatórias, ou – como acontece nas *Cartas Físico Matemáticas* – num texto introdutório, uma “Carta preliminar, que serve de prefácio às outras Cartas” (ALMEIDA, 1784, p. 1-12)⁵⁰. A razão de ser deste procedimento é explicada no Prefácio ao primeiro volume da *Recreação Filosófica*:

É preciso nos prólogos dar aos Leitores um breve desenho de toda a obra, para excitar o apetite a uns, e poupar a outros o trabalho. Sem esta diligência, nem uns saberiam o que desprezavam, nem outros o que escolhiam. Eu, porque não quero ser lido com fastio, direi com toda a clareza o que hei de tratar, o estilo e método que hei de seguir, e a utilidade que cada um pode tirar; para que os curiosos se possam instruir, e os que o não forem, sem o trabalho de ler esta obra, a possam pôr de parte (ALMEIDA, 1787, s/ p.).

⁵⁰ Optou-se por atualizar a ortografia tanto nos títulos das obras como nas citações. Nos casos em que há várias edições da obra, designadamente no caso dos 6 primeiros volumes da *Recreação Filosófica*, adotou-se a redação da última edição publicada em vida do autor.

Apesar da importância que lhes concede, estas reflexões iniciais são geralmente breves, quase programáticas: é ao longo de cada obra que o método e o estilo adotados se vão explicitando, que vão ganhando forma e revelando as suas virtualidades, o seu eventual atrativo e utilidade. Neste sentido, a novidade da proposta de Teodoro de Almeida é mais ilustrada do que enunciada e este facto é intencional: é ao destinatário das obras que cabe descobrir ou experimentar a distância que separa este novo modo de aprender daquele que é praticado por outros. O contraste é tão radical que Teodoro de Almeida quis deixar constância dele no próprio título da sua obra mais longa e mais famosa: quem se atrever a iniciar a sua leitura, fará uma experiência agradável e prazenteira, viverá momentos de autêntica *recreação*.

Nas páginas que seguem, apontam-se os traços mais destacados do que se poderia chamar a filosofia da educação de Teodoro de Almeida. Referem-se tanto os que dizem respeito ao saber institucional, como os que apontam para o modo de conduzir o processo de aprendizagem. Insistir-se-á sobretudo nos aspetos que são transversais e comuns a toda a obra, seguindo a recomendação do oratoriano no início do tomo I das *Cartas Físico Matemáticas*: “julguei que devia fazer primeiro, um debuxo de lápis em grosso das partes mais principais e importantes: e depois ir metendo as cores ou retocando as miudezas para aperfeiçoar a imagem” (ALMEIDA, 1784, p. 2-3).

2. Necessidade de reformar o saber institucional

Teodoro de Almeida integrou o quadro institucional da educação nacional de Setecentos em quase todos os seus níveis. Fez os seus estudos de filosofia e teologia numa das mais prestigiadas escolas da época, a Casa do Espírito Santo, com o Padre João Batista; em 1748 começou a desempenhar a função de professor substituto da cadeira de Filosofia. Desde esse ano e até ser desterrado para o Porto em 1760, foi docente do Colégio do Espírito Santo, sendo nomeado Mestre de Filosofia em 1751. Logo desde 1748, acumulou a função de professor com a de preceptor de José Maria de Távora, filho do Marquês de Távora, família a que ficou ligado por uma estreita amizade. Interveio no Curso de Filosofia Experimental iniciado por João Batista no Colégio das Necessidades, ao qual assistiam ou no qual participaram – como ele próprio reconhece no início da *Recreação* – destacadas figuras da nobreza, entre elas o próprio rei (cf. ALMEIDA, 1787, “Dedicatória”, s/ p.). A esta atividade como professor e divulgador há que acrescentar as diligências que desenvolveu desde muito cedo para, juntamente com outros, criar em Portugal uma Academia das Ciências (cf. ALMEIDA, 2013, p. 38). A amizade com a família Távora e a política antirreligiosa do Marquês de Pombal são algumas das razões que o obrigaram, primeiro, a interromper as funções de professor e a aceitar o desterro no Porto (desde 1760) e, depois, a sair do país no final de 1768, só regressando dez anos mais tarde. Em 1779 figura entre os membros fundadores da Academia das Ciências. A partir de 1792, após a reconstituição do edifício da Casa do Espírito Santo, destruído pelo terramoto, retoma a função de professor de Filosofia⁵¹.

⁵¹ A fonte principal para conhecer a vida de Teodoro de Almeida é o manuscrito atribuído ao oratoriano Joaquim Dâmaso intitulado “Vida do Padre Teodoro de Almeida da congregação do Oratório de Lisboa, fundador do convento das religiosas da Visitação e o que mais trabalhou para de novo ser povoada a Casa

Apesar de ter integrado e participado no sistema de ensino português, ou talvez por isso mesmo, Teodoro de Almeida é muito crítico de alguns aspetos deste sistema e todo o seu esforço se dirige a alterá-lo. O alvo principal das suas críticas é a universidade. A opinião negativa sobre o desempenho da universidade ficou especialmente patente em dois textos: a *Recreação Filosófica* e a “Oração na abertura da Academia das Ciências em 4 de julho de 1780”. Nos vários volumes da *Recreação*, sobretudo nos oito primeiros, acusa uma e outra vez a universidade de obstaculizar, mais do que contribuir, para a instrução dos estudantes e o cultivo do saber. Os métodos adotados e os planos de estudos atrofiam o entendimento dos estudantes, matam-lhes a curiosidade, enchem-nos de vícios intelectuais, impedem-nos de aprender e de descobrir coisas novas. Mais do que contribuir para satisfazer a natural curiosidade, as aulas da universidade sobrecarregam os espíritos jovens com doutrinas ininteligíveis, adotadas pelo prestígio que supostamente adquiriram, sem qualquer confronto com a razão e a experiência. Este, aliás, é um problema que não afeta apenas os estudantes: os melhores dos seus professores são incapazes de dar razão do que ensinam ou de explicar com palavras suas e inteligíveis o que leram e deram por verdadeiro⁵².

Do modo como a universidade desempenha o seu papel – surge como transmissora mecânica de um saber ultrapassado e livresco e não como um espaço de promoção de saberes novos – e da inadequação dos seus métodos, deriva – segundo Teodoro de Almeida – o triste panorama intelectual português. Por isso são tão altas as suas expectativas relativamente à Academia das Ciências: há que esperar tudo da Academia porque não se pode esperar quase nada da universidade. O contraste entre o que a universidade não fez e o que a Academia pode fazer é expresso na única alusão feita à universidade na “Oração de abertura”:

Agora verão [os estrangeiros] que também os portugueses fazem timbre como os demais em adiantar as ciências e as artes; de aperfeiçoar ou purificar a sua língua, de promover a agricultura e o comércio, que são as sólidas riquezas do Estado. Agora verão que não somente temos Colégios e Universidades nas quais por uma certa carreira precisa de estudos se seguem as letras; mas que há – deixai-me dizer assim – um corpo de voluntários que sem mais estipêndio que a glória, sem mais obrigação que o gosto, sem mais estímulo que o amor das ciências, o zelo da pátria e o brio (...) querem dedicar os seus talentos, os estudos, os anos, as fadigas, os cuidados, até os cabedais à pública utilidade (ALMEIDA, 2013, p. 38-39).

A universidade perdeu protagonismo não só porque o seu ensinamento é livresco, aborrecido, ultrapassado, mas também porque se desentendeu da

do Espírito Santo da Pedreira, depois de reedificada sobre as ruínas da que pelo terramoto de 1755 e incêndio que se lhe seguiu ficou destruída”, ANTT, Ms. 2316.

⁵² Ao longo dos primeiros oito volumes da *Recreação* e a propósito de quase todos os temas, sobretudo os de filosofia natural, Sílvio ilustra esta atitude e esta incapacidade de dar razão do seu saber e de o transmitir de maneira convincente aos seus interlocutores, neste caso a Eugénio. Cf., a título de exemplo,

utilidade pública. Nessa medida, um saber que queira estar ao serviço do progresso do país deverá fomentar-se fora da universidade e ser confiado a novas instituições. Desta forma, por não ter sido sensível à nova relação existente entre o saber, a utilidade e o progresso, a universidade condenou-se a si mesma à irrelevância, perdeu uma das mais importantes justificações sociais da sua existência, acabando por apresentar-se como uma instituição ultrapassada.

A crítica à universidade não é, no entanto, uma crítica à dimensão institucional e corporativa do saber. A busca da verdade e da utilidade são tarefas que só se realizam adequadamente em equipa, como resultado de um esforço conjunto e planeado de forma articulada, e os seus melhores resultados não podem esperar-se do simples somatório de empenhos mais ou menos solitários e desarticulados (cf. ALMEIDA, 2013, p. 39).

Teodoro de Almeida descreve o modo como concebe esse trabalho corporativo ao referir-se às múltiplas tarefas da Academia de Ciências:

Tal há de ser esta Academia: uns preparam as notícias, outros desenterram monumentos, outros examinam os livros, confrontam edições, consultam os originais; aqui uns descobrem manuscritos, que outros ilustram com notas; ali outros os traduzem com gosto, outros os publicam com elegância. Lá estarão aqueles observando os minerais, as águas, as plantas, numa palavra, a natureza, quando da outra parte estão outros tentando as experiências, fazendo observações, imaginando projetos: aqui se formam novos instrumentos, e máquinas, ali se reformam e aperfeiçoam as já conhecidas; acolá se verão outros trabalhando com incansável aplicação nas matemáticas e no cálculo, outros fazendo fáceis as doutrinas mais espinhosas e difíceis, semeando na mocidade o gosto, a crítica, o desejo de estudar e saber (ALMEIDA, 2013, p. 44).

No tom com que se refere ao entusiasmo e às motivações dos académicos transparece outro traço importante do projeto pedagógico de Teodoro de Almeida. O oratoriano considera desejável um tipo de ensino fundado no interesse e na curiosidade dos estudantes e que tem nestas atitudes o seu principal motor. Daí que as suas obras mais conhecidas não tenham o formato de tratados ou de manuais, mas adotem antes o estilo mais coloquial e mais íntimo de conversas ou de cartas, nas quais um único aluno é, em cada momento, objeto de todos os desvelos do mestre. O oratoriano não pretende, no entanto, que o sistema de ensino adote a forma de uma relação tutorial e individual; considera simplesmente que a apresentação dialogada do raciocínio é menos enfadonha para o leitor, já que o interpela e este pode de algum modo rever-se nas perguntas, dificuldades e resistências do Eugénio da *Recreação* ou das *Cartas Físico Matemáticas*.

Por outro lado, o sistema de ensino deve estender-se ao maior número e não continuar a considerar-se como um privilégio exclusivo de uma pequena minoria. Tanto da perspectiva da sua finalidade quanto da das suas motivações, o saber tem alcance universal. A verdade é para todos e todos podem e devem contribuir para a alcançar e beneficiar do seu conhecimento. Nalgumas ocasiões,

a universalidade do saber adquire conotações éticas: alcançar o saber é um direito, pelo que há a obrigação moral, o dever, de comunicar o que se sabe (cf. ALMEIDA, 2001, p. 35). Ou, noutros termos, o interesse em saber é um anseio inscrito na natureza humana, pelo que não deve ser coartado por circunstâncias de fortuna. Apropriar-se do saber, como se ele fosse propriedade privada, é sinal de estreiteza de horizontes e de mediocridade⁵³.

Entre os que aspiram à verdade e devem ser instruídos nela estão naturalmente as mulheres. Teodoro dá-lhes algum destaque em pelo menos dois momentos. No primeiro, a alusão é discreta: está subentendida no propósito do *Método para a Geografia*, já que a obra foi escrita para o ensino de jovens raparigas; no texto, o oratoriano não identifica nenhuma diferença na instrução dos dois sexos. Já no segundo momento, as alusões são muito mais frequentes e explícitas: ocorrem nos dois últimos volumes da *Recreação Filosófica*, apresentando o oratoriano uma mulher, uma baronesa, como uma sua discípula especialmente preparada para debater temas de teologia natural e de ética; esta mulher surge como uma espécie de *alter ego* de Teodósio, que o dispensa de argumentar, porque ela o faz tão bem como ele.

Tudo leva a crer que a escolha não obedece apenas a razões de ordem literária: a figura de uma mulher interessada em questões filosóficas, e habilitada a discuti-las com mais lucidez e melhores razões do que alguma vez revelou Eugênio nos oito volumes anteriores, permite a Teodoro de Almeida criticar o modo como a sociedade – mesmo uma sociedade estrangeira e desenvolvida como a sociedade francesa – vê a função social da mulher e a sua relação com o saber, e permite-lhe insistir no contraste entre esta perspectiva e a sua própria. Ao contrário do que afirmam os homens presentes, a cabeça das mulheres não serve apenas para colocar adornos, e o seu tempo não tem que gastar-se em pensar como agradar (cf. ALMEIDA, 1793, p. 139); o interesse pelo estudo é com frequência muito mais consistente nelas e leva-as a ser tão boas ou melhores do que a maioria dos homens a argumentar.

3. Fazer do saber uma ‘recreação’

A crítica ao sistema de ensino e a identificação do que nele deve ser corrigido é inseparável da reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem, sobre o método mais adequado para o facilitar, sobre as motivações do saber, sobre os obstáculos a ultrapassar, etc. Se o diagnóstico anterior sobre o sistema de ensino assentava numa crítica histórica e numa denúncia de privilégios, já ao abordar estas novas questões os contributos de Teodoro de Almeida adquirem contornos mais explicitamente filosóficos. O oratoriano alude frequentemente aos tópicos mais comuns da reflexão pedagógica do seu tempo – a crítica à autoridade, a importância da experiência, a razão como único critério de verdade, etc.⁵⁴ (cf. ALMEIDA, 1785, p. 260) – mas aborda também questões suscitadas

⁵³ Cf. ALMEIDA, *Recreação Filosófica*, Tomo I, 5ª impressão, 1785: “Eu vejo que ao povo são ocultas as maravilhas da natureza; vejo que dentro das aulas com feia avareza se fecha essa pouca luz que podia manifestar-lhas; vejo que muitos engenhos elevados, nobres, e agudos vivem numa escravidão vilíssima, seguindo, e venerando os erros que trouxeram do berço, e que adoram com respeito as sombras, porque ainda não têm visto a luz. Não foi para com eles menos liberal a natureza, foi sim mais escassa a fortuna”.

⁵⁴ As referências são contínuas. A título de exemplo, cf. ALMEIDA, 1785, Prefácio, s/ p: “A verdade sempre anda acompanhada da razão, e muitas, e muitas vezes se vê perseguida da autoridade; assim quem

pela sua própria atividade como pedagogo. Referir-se-ão, de forma necessariamente breve, apenas as que são mais estruturais ou mais originais.

O primeiro aspecto que vale a pena destacar é que o método proposto não resulta de uma reflexão teórica elaborada *a priori* e desenvolvida à margem do próprio processo de aprendizagem. O oratoriano insiste em que o método que propõe se funda na sua própria experiência pedagógica. No início das *Cartas Físico Matemáticas*, dirigindo-se a Eugênio, afirma: “Não quero por este que agora faço condenar a ninguém: quero dar razão de seguir este caminho, que a experiência me mostrou que era útil” (ALMEIDA 1784, p. 11). A mesma ideia aparece também no *Método para a Geografia*. Na epístola dedicatória explica que se limita a partilhar o método com o qual ele próprio ensinou Geografia em França “com muito bom sucesso” (ALMEIDA, 1787, p. I). Isto não significa, no entanto, que o oratoriano não tenha comparado o método que adotou com o que foi adotado por outros autores, ou que desconheça outras práticas. Na mesma obra alude de forma elogiosa ao método usado pelos ingleses e justifica as alterações por ele introduzidas (ALMEIDA, 1787, p. XI).

Por outro lado, o facto de partilhar o método adotado também não significa que o considere perfeito. Referindo-se às tabelas por ele elaboradas para o ensino da Geografia, na epístola dedicatória antes referida, escreve: “Peço-vos que tenhais a bondade de as emendar à medida que fordes conhecendo os seus defeitos, com o exercício de ensinar; porque é impossível que em matéria tão vasta não escapem muitos” (ALMEIDA, 1787, p. III). A perfectibilidade do método é um aspeto da perfectibilidade de todos os empreendimentos humanos. O erro apresenta-se como uma espécie de marca indelével de tudo o que é humano. A identificação do erro não deve constituir motivo de escândalo, e devemos conformar-nos com o facto de que a imperfeição acompanha inevitavelmente qualquer projeto educativo e os seus resultados: sonhar com um método infalível, não perfectível, ou com um saber completo, é esquecer que somos homens e, portanto, falíveis.

A ordem na transmissão do saber é tão importante como na sua produção. Assim como a busca de novos saberes deve resultar de um empreendimento planeado e articulado, também o modo de transmitir o saber já alcançado deve respeitar uma ordem. Daí a grande importância de planear o ensino e a aprendizagem. O método adotado visa ordenar todo o processo de aprendizagem, tanto o que se refere à multiplicidade de matérias que há que abordar quanto ao modo como se deve avançar em cada uma delas. Teodoro de Almeida dedicou alguma atenção a esta questão no início da *Recreação Filosófica*, ao apresentar e justificar a disposição das matérias ao longo dos seis primeiros volumes. O plano apresentado é uma exemplificação da ordem a seguir. A aprendizagem deve começar pela filosofia natural, já que é no mundo natural e em relação a ele que surgem as primeiras perguntas e os primeiros motivos de curiosidade. No interior da filosofia natural a ordem é também bem precisa: deve-se começar pelo que é estrutural e pelo que é comum e avançar depois para os vários âmbitos regionais, e considerando sucessivamente o homem, os restantes seres vivos e por fim os planetas (cf. ALMEIDA, 1787,

for amante da verdade, deve atender mais à razão: havendo de abraçar o erro, seja antes disfarçado com a capa da razão, do que com a da autoridade; a primeira é própria da verdade, a segunda é comum também para o erro; e há mais desculpa, se abraçamos o erro coberto com capa alheia, do que com a que pode ser sua”; cf. também ALMEIDA, 1785, p. 260; ALMEIDA, 1785, p.. 145-164; ALMEIDA, 1792, p. 170.

prefácio, s/ p.). Só uma vez estudada a filosofia natural, estará o estudante em condições de avançar para o estudo de algumas questões lógicas e epistemológicas e de tirar partido delas. Daí passará ao estudo da metafísica, menos interessante para os estudantes, e avançará finalmente para as grandes questões da teologia natural e da moral, sobre as quais todos se sentem aptos a opinar. A importância relativa das várias matérias é fácil de captar. À filosofia natural Teodoro de Almeida dedicou seis volumes da *Recreação*, que complementarão com mais 3 de *Cartas Físico-Matemáticas*⁵⁵. A cada uma das restantes matérias – lógica, metafísica, teologia natural e ética – dedicou um volume. Destes quatro volumes, o mais curto é o consagrado à metafísica e o mais extenso o que trata da lógica; neste último o sentido e a utilidade do método são amplamente destacados (cf., por exemplo, ALMEIDA, 1785, p. 14).

Respeitar uma ordem das aprendizagens que não coincide com a ordem das matérias não é uma questão menor. A primeira deve subordinar-se à capacidade e ao interesse dos alunos. Não ter isto em conta é uma das razões da esterilidade e da falta de interesse pelo saber, designadamente pelo saber universitário: o estudante não encontra qualquer motivação para dedicar-se ao estudo inicial da lógica e da metafísica porque desconhece por completo a sua utilidade. Esta cautela é a que explica a passagem da *Recreação* às *Cartas Físico Matemáticas*: embora o estudo da matemática e da geometria seja indispensável para o conhecimento da filosofia natural moderna, essa aprendizagem só se fará nas *Cartas*, quando o estudante sentir a falta delas, e não no início, como se constituísse um recurso propedêutico indispensável para o que virá depois.

Há múltiplos critérios de ordem: os ditados pela curiosidade, pela proximidade à experiência, pela percepção da utilidade, pela lógica. O primeiro que há que respeitar é espacial e ajuda a ordenar a informação recebida e a evitar a confusão. Por isso a Geografia deve fazer parte da “primeira instrução da mocidade” (cf. ALMEIDA, 1787: p. V-VII). É fundamental que o estudante saiba situar espacio-temporalmente a informação que recebe; sem este cuidado “a sua cabeça fica em total confusão” (ALMEIDA, 1787, p. VII).

Embora o ensino e a aprendizagem devam ser quotidianos e generalizados, e embora seja mais ou menos óbvio para quase todos que a aprendizagem deve obedecer a um plano bem ordenado, mesmo assim a identificação do método mais ajustado para levar a cabo estas tarefas está longe de ser uma tarefa simples. Um dos aspetos a que importa prestar mais atenção é ao carácter gradual da aprendizagem. O êxito ou o fracasso de todo o processo depende da atenção que se preste a este aspeto essencial do método. Teodoro de Almeida chama a atenção para ele no *Método para a Geografia*, indicando que o caminho a seguir no ensino de qualquer matéria pode ser variado, “com tanto que se caminhe por degraus” (ALMEIDA, 1787, p. XVII). No início do prólogo, escreve:

Nada há tão ordinário como ensinar à mocidade os elementos das ciências e nada é tão difícil como achar o método mais conveniente para o fazer como convém. Quanto a mim, todo o segredo está em saber não só o que

⁵⁵ A título completo da obra é *Cartas Físico-Matemáticas de Teodósio a Eugénio, para servir de complemento à Recreação Filosófica*.

se deve dizer, mas também o que se deve calar; porquanto querer ensinar tudo é querer confundir; e a prudência manda medir o peso e as forças dos que o devem levar, e regular pela capacidade das mentes a simplicidade das ideias que se devem imprimir nas suas cabeças (ALMEIDA, 1787, p. V).

Poderia parecer que esta recomendação tem como única justificção a juventude das estudantes a que se destina a obra. Começa-se por ensinar Geografia, “porque enquanto os órgãos da razão são muito fracos e quase em embrião, não temos senão os sentidos que possam obrar em nós” (ALMEIDA, 1787, p. V-VII). Mas a conveniência de promover uma aprendizagem gradual não tem apenas que ver com a idade de quem aprende; é fundamental reconhecer que o excesso de informação simultânea, mais do que ajudar a memória a retê-la, leva-a a confundir-se (cf. ALMEIDA, 1787, p. IX). Daí que convenha isolar e selecionar a instrução que se quer dar, para conseguir que a atenção se foque: só assim ela ficará solidamente impressa na memória (cf. ALMEIDA, 1787, p. XIII).

Este excesso afeta o processo de aprendizagem seja qual for a idade dos instruídos. A Eugênio, que se queixa de ter sido longamente ensinado e de não conseguir compreender tudo o que encontra em obras especializadas de física, Teodósio responde no início das *Cartas Físico Matemáticas*:

O meu silêncio sobre algumas matérias quando em companhia de Sílvio conversámos, foi preciso, e foi prudente” (...) “Assentai que nem sempre a ordem natural das matérias é a ordem natural do ensino. Questões há, que pertencem às matérias, que se tratam na física logo ao princípio, as quais não são para a capacidade de principiantes; como agora por experiência vereis. Além de que o vosso entendimento] era um pano limpo, em que eu queria debuxar a Imagem da natureza (...) e julguei que devia fazer primeiro, um debuxo de lápis em grosso das partes mais principais, e importantes: e depois ir metendo as cores ou retocando as miudezas para aperfeiçoar a imagem (ALMEIDA, 1784, p. 2-3).

O critério que define o plano a seguir tem em conta a facilidade na apreensão das matérias, e não a ordem de dependência lógica das matérias em si mesmas. Em muitos casos, a aprendizagem começa pelo que é mais imediatamente perceptível pelos sentidos e avança a partir daí, sendo certo que esse plano de apreensão não é o mais radical e, portanto, não é explicativo. Trata-se de uma regra metodológica que visa, por um lado, facilitar a aprendizagem, já que os principiantes podem acompanhar a explicação sem se enfadarem ou cansarem e, por outro, que lhes proporciona uma experiência grata do processo de aprendizagem. Essas precauções deixam de ser necessárias quando o estudante já foi conquistado pela verdade; nesses casos, a ordem pode ser a das matérias:

Eu sigo, que no método de ensinar, se há de atender muito principalmente à maior facilidade, que há na inteligência das matérias, e à dependência delas; podendo-se reservar

para a segunda demão, ou retoque da Pintura muitas coisas, que se as tratassem da primeira vez, poderiam enfastiar, ou cansar os principiantes. Porém quando se escreve para os instruídos, se pode observar com todo o rigor, a ordem das matérias. Além de que, na particular instrução, que eu vos dei a vós, e por vós a outros, se devia ter diante dos olhos o dar uma tão gostosa ideia do estudo da Física, que com gosto todos se aplicassem a ela; e por isso convinha afastar tudo o que pudesse ser mais espinhoso e difícil. Agora, porém, com gosto vos dou instrução que me pedis, porque já será fácil; e poderá servir de Suplemento à primeira instrução, que vos tinha dado (ALMEIDA, 1784, p. 4).

A importância de conduzir o estudante por um caminho que seja para ele fácil de percorrer e prazenteiro está em estreita ligação com a dupla finalidade do método: este ordena-se, por um lado, à instrução nas verdades mais úteis e, por outro lado, a poupar ao aluno todo o trabalho desnecessário e a aumentar a clareza da sua percepção e inteligência das matérias (cf. ALMEIDA, 1784, p. 12).

Este carácter gradual, que poupa aos alunos muitas dificuldades desnecessárias e os conduz como que por um plano inclinado, não os dispensa, no entanto, de todo o esforço:

É um grande engano no que toca à facilidade de ensinar as coisas aos meninos, crer que poupar-lhes todo o trabalho seja fazer-lhes um grande serviço, e concorrer para a sua instrução, porque pelo contrário terem alguma dificuldade pequena é obrigá-los a maior atenção, sem a qual nunca saberão coisa alguma. Tudo aquilo que sem reflexão se oferece à nossa alma pelos sentidos, com facilidade lhe foge; e só aquilo que com alguma dificuldade se decorou é que se conserva: o que cansa é o que se estima; e pouco caso se faz do que se adquire sem dificuldade (ALMEIDA, 1787, p. XV).

Nesta correta articulação de facilidade e de esforço têm um papel importante as motivações dos estudantes. Teodoro de Almeida refere-se habitualmente às seguintes: o interesse, a curiosidade, o prazer e a vaidade. Um plano de estudos bem definido, começará por dirigir a atenção dos estudantes para as matérias que mais suscitam a sua curiosidade ou interesse: habitualmente tratar-se-á de fenómenos físicos mais ou menos surpreendentes ou espetaculares, que gostariam de ver explicados, ou então de aspetos do conhecimento da natureza de que pode resultar uma utilidade imediata. O prazer e a utilidade que se encontram nas explicações destes fenómenos bastarão para manter a atenção dos estudantes, que se sentem assim interpelados pela matéria de estudo. Destas questões mais próximas da experiência sensível e mais espetaculares, passarão depois para questões mais conceptuais, já movidos pela necessidade de aprofundar no que aprenderam. É a esse movimento que responde o plano das *Cartas Físico Matemáticas*.

Mas um bom professor saberá também aproveitar outras motivações, eventualmente menos nobres, e encontrar nelas estímulo para reforçar o processo de aprendizagem. O professor deverá conhecer o que em cada idade move o estudante a agir e tirar partido dessa inclinação da natureza. Ao ensinar geografia, por exemplo, deverá ter em conta, que a aquisição de informação sensível – saber os nomes das cidades, etc. – “lisonjeia o amor próprio dos meninos, que é o primeiro móbil das suas ações naquela idade” (ALMEIDA, 1787, p. V-VII).

Em todo o caso, mais do que insistir na dificuldade, importa reforçar as aprendizagens positivas dos estudantes, seja qual for a sua idade. Se isso não se faz, o estudante aborda as novas matérias com apreensão e medo, atitudes que dificultam enormemente a aprendizagem. Pelo contrário, se o processo de aprendizagem for conduzido de forma adequada e gradual, o estudante estará disponível para afrontar novas e maiores dificuldades, e até para diferir temporariamente a sua própria experiência de satisfação, fiado na expectativa de repetir experiências positivas do passado.

Um texto do primeiro volume das *Cartas Físico Matemáticas* ilustra bem esta convicção:

Vejo-vos com muito medo ao que só vos causará gosto e consolação. Não tenhais medo, meu amigo, que é tão vão na Geometria este medo, como o foi na Física, em que a experiência vos mostrou, que foi matéria de Recreação o que vós temíeis que somente fosse de aplicação custosa e difícil. Crede-me, haveis de gostar tanto dela, como da Física, ainda que ao princípio não sentireis o mesmo sabor; pois somente o conhecereis depois que entrardes um pouco mais dentro desta admirável Ciência, chave de muitas outras. Os primeiros passos são os mais escuros; mas cada verdade geométrica é uma luz, ou uma tocha que se acende; e esta vão acendendo sucessivamente outras, de forma que ao princípio só temos a luz simples da Razão que nos guia, e faz conhecer os primeiros princípios, a que chamam *Axiomas*, ou primeiras verdades; mas depois, como estas vão declarando outras, vai o Entendimento alumado por muitas tochas, que cada vez se multiplicam mais, de forma que quanto mais adiante vai, mais claro é o caminho, e marcha com mais desembaraço. Eu digo isto da instrução que vos prometo, porque a experiência me tem feito esperar (ALMEIDA, 1784, p. 5-6).

Na maioria dos seus textos, designadamente nos diálogos com Eugênio na *Recreação Filosófica*, Teodósio insiste uma e outra vez na importância de ter a razão como único árbitro das aprendizagens. O que em cada caso deve levar Eugênio a inclinar-se para uma ou outras das explicações que lhe são apresentadas é a inteligibilidade delas, em concreto a capacidade que têm para satisfazer a sua curiosidade. Nada está em condições de disputar com a razão o seu papel de árbitro de teorias contrapostas: nem a antiguidade das teorias apresentadas, nem os nomes ou o prestígio dos seus partidários, nem a autoridade de quem ensina. Um raciocínio idêntico resolve o aparente conflito entre a experiência e as explicações veneráveis do passado: nessas

circunstâncias, é absurdo querer negar o valor de verdade da experiência, refugiando-se em argumentos de autoridade.

Esta atitude leva ao desassombro e à autonomia intelectual, torna os alunos exigentes – confrontando em última instância os seus professores com a sua própria ignorância – e impede que estes sejam manipulados, deixando-se levar por argumentos cujo peso é meramente retórico. Quem busca a verdade não deve ter medo de estar só, não deve temer a crítica, porque esta é um fator de promoção do saber, nem deve deixar-se impressionar pelos falsos temores dos ignorantes. Desgraçadamente, esta última atitude é mais comum do que parece. Sucumbiram a ela a maioria dos que, sem a conhecer, criticaram a filosofia e a ciência modernas, sobretudo a filosofia natural, esse novo e vasto âmbito do saber a que Teodoro de Almeida dá frequentemente o nome de “sã filosofia” (cf. ALMEIDA, 1785: Discurso preliminar, pp. XLIV, LVI, LVIII; ALMEIDA, 1796, p. 387), que Teodoro de Almeida admita que há recursos pedagógicos que se destinam a conquistar o estudante e mesmo a seduzi-lo. Neste sentido, a relação pedagógica é uma relação assimétrica e não uma relação entre iguais. O professor sabe como fomentar a atenção do estudante, como dirigir a sua curiosidade, como reforçá-la, etc. (cf. ALMEIDA; 2001: p. 35). Por outro lado, nem sempre o homem isolado é o juiz mais abalizado das doutrinas em confronto. Nalguns casos – por exemplo, ao procurar identificar os critérios de correção da obra de arte – a tensão entre o juízo individual e o juízo corporativo acaba por resolver-se a favor do juízo corporativo, que tende a prevalecer sobre o juízo individual (cf. ALMEIDA, 2001, p. 49).

Um dos aspetos mais interessantes da reflexão de Teodoro de Almeida sobre o saber e sobre a sua transmissão diz respeito à linguagem. O oratoriano destaca aspetos frequentemente tratados por outros autores. Em seu entender, a instrução dominante tende mais a ocultar a própria ignorância aos olhos dos estudantes do que a vencê-la. A linguagem escolar apresenta-se assim como um obstáculo epistemológico de primeira grandeza, um obstáculo muito superior ao da ignorância, porque produz o mesmo efeito – não saber – mas mascara a consciência de que não se sabe. Para este efeito de ilusão contribuem diversos fatores: o uso da língua latina, a apropriação mais ou menos mecânica de conceitos e de regras, às quais não se prestou qualquer atenção, mas se aceitaram como uma espécie de linguagem corporativa indiscutida, o peso da autoridade na justificação do que se aprende, etc. Estes fatores potenciam-se reciprocamente: todos juntos contribuem para criar a ilusão de conhecimento e de compreensão daquilo de que se fala. O tema aparece frequentemente ao longo da *Recreação Filosófica*, ilustrado por Sílvio, que em múltiplas ocasiões e a propósito dos mais variados temas é confrangedoramente incapaz de explicar a Eugénio o que aprendeu na universidade e de rebater as doutrinas novas que lhe apresenta Teodósio: responde com palavras cujo sentido nunca se deteve a considerar. Esta incapacidade de transmitir de forma inteligível o saber, este refúgio em fórmulas que carecem de sentido para aquele que as usa, põe em evidência a ausência de autêntico conhecimento. Por esta razão a *Recreação* é escrita “para pessoas curiosas que nunca frequentaram as aulas”. Convém que seja assim, por duas razões: porque quem nunca frequentou as aulas conserva ainda a curiosidade que um falso saber adormece ou mata e porque, não tendo frequentado as aulas, não possuindo a ilusão de saber, está em condições de aprender sem vícios.

Mas as cautelas com a linguagem e o risco de a pôr no lugar do saber não se limitam ao saber mais abstrato e superior, não têm apenas que ver com o uso de termos mais ou menos obscuros. É um risco que há que acautelar desde a mais tenra idade. Por isso, no *Método para a Geografia*, o oratoriano alerta para a vantagem de ensinar os países a partir das suas imagens gráficas, não fazendo acompanhar essas imagens do nome do país em questão e assinalando apenas com um número ou outro sinal gráfico as cidades, rios, etc., que o caracterizam. De outro modo – argumenta – a atenção fixa-se no nome e distrai-se do objeto a conhecer, que desta forma não é retido ou fixado, como conviria. Só omitindo a palavra, os estudantes serão levados a reter a figura de cada país e a não se refugiarem no nome, desatendendo a figura:

Esta é uma reflexão que eu tenho feito e que a experiência me tem ensinado ser muito essencial: porque se o menino vê num bocado de mapa escrito em letra grande França e em outro Itália etc. pouco cuidado tem em estudar a configuração de cada um desses estados. Pelo contrário, se ele não achar aqui os seus nomes, é necessário que faça reflexão sobre a sua figura para os conhecer e distinguir (p. XI).

4. Considerações finais

Abordamos alguns dos aspetos do sistema de ensino que Teodoro de Almeida considerou que deveriam ser alterados – o paradigma do ensino universitário dominante, o olhar elitista, a desatenção ao estudante e aos seus interesses e motivações – e algumas das propostas que apresenta para alterar este estado de coisas – seguir uma nova ordem dos saberes, respeitar o carácter gradual da aprendizagem, aprender a tirar partido da curiosidade dos estudantes e das suas inquietações, adotar estratégias pedagógicas que mantenham ou reforcem a atenção dos estudantes, despertá-los para a utilidade do que aprendem, etc. Entre denúncias e recomendações, ressalta uma dimensão mais profunda da análise do oratoriano: a identificação de autênticos obstáculos epistemológicos estruturais, dos quais somos prisioneiros e de que é especialmente difícil libertar-se. Teodoro de Almeida identifica dois obstáculos de maior relevo e a que há que prestar especial atenção: o plano de estudos adotado e a linguagem. Assim, se queremos que a aprendizagem se faça de forma adequada, o plano de estudos deve ser revisto e ajustado, tendo em conta que a ordem dos saberes e a ordem das aprendizagens não coincidem. Enquanto isto não se fizer, os esforços dos professores terão como único resultado o desinteresse, o fastio, até o medo, dos estudantes. Também a linguagem deve ser objeto de uma atenção especial. É fundamental dar-se conta de que a linguagem tende a criar naquele que a usa uma ilusão de compreensão, ilusão de que podemos ser vítimas desde a mais tenra infância. À medida que a linguagem se afasta da experiência esta ilusão cresce e dá origem a erros sistemáticos, mais difíceis de identificar e de corrigir: deles são vítimas privilegiadas quase todos os que frequentam o sistema de ensino tradicional. Por isso é melhor e mais fácil ensinar “pessoas curiosas que nunca frequentaram as aulas”.

Referências:

ALMEIDA, Teodoro. **Cartas Físico-Matemáticas**, 3 volumes. Lisboa: Regia Oficina Tipográfica, tomos 1 e 2: 1784; tomo 3: 1799.

ALMEIDA, Teodoro. **O Feliz Independente**. Porto: Campo das Letras, 2001.

ALMEIDA, Teodoro. **Método para a Geografia**, Lisboa: Regia Oficina Tipográfica, 1787.

ALMEIDA, Teodoro. **Oração e Memórias na Academia das Ciências de Lisboa**. Introdução e coordenação editorial de José Alberto Silva. Porto: Porto Editora, 2013

ALMEIDA, Teodoro. **Physicarum Institutionum Libri X ad usum scholarum**. 3 tomos. Lisboa, Tipografia Regia, tomo I: 1785; tomo 2: 1786; tomo 3: 1793.

ALMEIDA, Teodoro. **Recreação filosófica...** 10 volumes, Lisboa: Regia Oficina Tipográfica, 1751-1800. Embora constituindo uma única obra, os diversos volumes têm títulos parcialmente diferentes: os 6 primeiros intitulam-se **Recreação filosófica ou diálogo sobre a filosofia natural para pessoas curiosas que nunca frequentaram as aulas**; os volumes 7 e 8 introduzem as seguintes variantes: **Recreação filosófica ou diálogo sobre a filosofia racional (...)** e **Recreação filosófica ou diálogo sobre a metafísica (...)**; já os dois últimos volumes surgem com títulos bastante diversos, geralmente como as partes I e II da **Harmonia da razão e da religião**; numa folha prévia à folha de rosto indica-se no entanto que se trata respetivamente dos volumes 9 e 10 da **Recreação**. Enquanto os seis primeiros volumes tiveram múltiplas edições em vida de Teodoro de Almeida, os quatro últimos foram editados uma única vez até 1804. Considera-se a última edição publicada em vida do autor; as edições e datas são as seguintes: tomo I: 5ª impressão – 1787; tomo II: 5ª impressão – 1788; tomo III: 6ª impressão – 1803; tomo IV: 6ª impressão – 1803; tomo V: 5ª impressão – 1796; tomo VI: 5ª impressão – 1795; tomo VII: 1785; tomo VIII: 1792; tomo IX: 1793; tomo X: 1800.

Abstract: Teodoro de Almeida is one of the most relevant Portuguese pedagogues of the eighteenth century. His activity as a teacher and promoter of both early Modern thought and new teaching and learning methods, extends throughout the second half of that century. The Oratorian priest takes a very critical look at the Portuguese university: at what it teaches and how it is taught, its loss of protagonism and its inability to adjust to the new times and to put itself at the service of the country's development. In order to change this state of affairs, he deems necessary to mobilize all efforts so as to transfer to other forums the competences traditionally assigned to the universities, as well as to pay much greater attention to the methodological dimension of the teaching and learning process. Teodoro de Almeida proposes a set of recommendations drawn from his own experience as a teacher, recommendations that, if followed, will return to the whole process the 'recreative' and interesting character that should never have been lost. My essay deals with the two dimensions of this Oratorian priest thinking: the criticism of instituted knowledge, and the main recommendations aimed at changing this state of affairs. These recommendations range from identifying obstacles and stimuli that interfere with the learning process, to determining the order in which the various subjects should be taught.

Keywords: XVIII century, philosophy of education, Teodoro de Almeida, university.